

Não Por Minhas Próprias Mãos

(Juízes 6 e 7)

Bruce McLarty

Uma vez subjugado o rei cananeu Jabim, Israel usufruiu de quarenta anos de paz (5:31). Todavia, como revela o início do capítulo 6, vemos novamente a exaustiva espiral descendente voltando em cena. Israel fez o que era mal, e o Senhor mandou opressores para a terra. Desta vez, eram os midianitas, habitantes do deserto do sul da Palestina. Os principais recursos militares de que dispunham eram a quantidade de soldados e os seus camelos, e, anualmente, durante a colheita, invadiam Israel como uma praga de gafanhotos. O povo, os rebanhos e os camelos dos midianitas consumiam tudo o que encontravam na terra. Mais uma vez, os israelitas fugiram para as montanhas e cavernas. Durante sete longos anos esses saqueadores dominaram Israel, até que o Senhor ouviu os clamores do Seu povo e lhes mandou um libertador. Desta vez, foi um guerreiro relutante chamado Gideão.

O CHAMADO DE GIDEÃO

Quando o Anjo do Senhor apareceu pela primeira vez a Gideão, encontrou-o malhando o trigo num tanque de prensar uvas de seu pai. Por ser mais eficiente malhar o trigo em lugares abertos, onde o vento sopra e leva a palha, a prática não-ortodoxa de Gideão pressupõe apenas o quanto os israelitas andavam aterrorizados naqueles dias. Na esperança de salvar uma parte da safra dos invasores, Gideão estava escondendo dos midianitas a si mesmo e aos seus grãos. É por isso que as palavras do Anjo soam sarcásticas quando este cumprimenta Gideão: “O Senhor é contigo, homem valente” (6:12).

A resposta inicial de Gideão foi indagar ao anjo do Senhor por que o Senhor permitia todo aquele sofrimento em Israel. “O Senhor nos desamparou” (6:13), reclamou ele. O Senhor deu a resposta através de Seu mensageiro: “Vai nessa tua força e livra Israel da mão dos midianitas; porventura, não te enviei eu?” (6:14). Novamente Gideão se esquivou do chamado de Deus com uma desculpa, lamentando que o seu clã era o mais fraco de sua tribo e que ele era o menor de sua família. Demonstrando a mesma persistência, o Senhor garantiu a Gideão que lutaria com ele para derrotar os midianitas.

Depois que Deus lhe garantiu a vitória, Gideão pediu o primeiro de vários sinais: “...dá-me um sinal de que és tu, Senhor, que me falas” (6:17). Gideão entrou em sua casa e voltou com um cabrito, uma grande porção de pão sem fermento e um pote de sopa. O anjo lhe disse para colocar o cabrito e o pão em cima de uma pedra e derramar a sopa sobre eles. Gideão obedeceu e o anjo tocou o sacrifício com a ponta do cajado que trazia na mão. O sacrifício pegou fogo e o fogo consumiu tudo! Nesse momento, Gideão reconheceu que estava, realmente, falando com um mensageiro de Deus!

OS PRIMEIROS PASSOS

Naquele dia, Gideão edificou um altar ao Senhor, e naquela noite, ele deu seu primeiro passo na tentativa de se tornar o novo líder de Israel. O Senhor mandou Gideão pegar um boi de seu pai e derrubar os ídolos de seu pai, que consistiam num altar a Baal e um poste-ídolo de Aserá. Ele fez isto e encerrou sua missão cortando

o poste-ídolo para servir de lenha e oferecendo o boi de seu pai “ao Senhor... no cimo deste baluarte”, num altar que ele edificou no lugar dos símbolos de adoração que ele derrubara. As Escrituras, porém, não dizem que, a essa altura, Gideão era um guerreiro destemido:

Então, Gideão tomou dez homens dentre os seus servos e fez como o Senhor lhe dissera; temendo ele, porém, a casa de seu pai e os homens daquela cidade, não o fez de dia, mas de noite (6:27).

Houve um tempo em Israel que qualquer um que adorasse Baal temeria pela própria vida. Na época de Gideão, a mesa tinha virado a tal ponto que quem derrubasse o altar de Baal é que temia pela própria vida. É assustador como isto se aplica à reviravolta de conceitos que ocorreu na nossa cultura ocidental nos últimos quarenta anos!

A PORÇÃO DE LÃ DE GIDEÃO

Quando chegou a época da colheita naquele ano, os midianitas e seus aliados invadiram novamente Israel. Desta vez, porém, deveria ser diferente. Gideão fez soar a trombeta entre o seu clã, mandou mensageiros para a sua tribo e até recrutou valentes de tribos vizinhas. Tendo reunido o seu exército, Gideão pediu outro sinal a Deus, um indicador de Sua presença através de um chumaço de lã (6:36, 37). A primeira proposta de Gideão foi que Deus deixasse a lã molhada pelo orvalho, e toda a terra redor dela, seca. Na manhã seguinte, aconteceu exatamente o que Gideão pediu; ele espremeu uma taça de água da lã encharcada. Insatisfeito com um só sinal, esse líder relutante pediu que Deus revertesse o milagre deixando a terra molhada e a lã seca. Na manhã seguinte, não deu outra! Talvez agora Gideão finalmente fosse cumprir sua comissão: “Vai nessa tua força e livra Israel”.

SOLDADOS DEMAIS

Quando os exércitos de Israel e Midiã assentaram seus acampamentos, preparando-se para a batalha que estava próxima, Israel já estava em desvantagem numérica de quatro por um (7:3; 8:10). Todavia, essa discrepância ainda era pouca para Deus.

Disse o Senhor a Gideão: É demais o povo que está contigo, para eu entregar os midianitas nas suas mãos; Israel poderia se gloriar contra

mim, dizendo: A minha própria mão me livrou. Apregoa, pois, aos ouvidos do povo, dizendo: Quem for tímido e medroso, volte e retire-se da região montanhosa de Gileade... (7:2, 3).

Para Gideão, o procurador de sinais, isto deve ter sido um absurdo! Quando 22.000 dos 32.000 soldados de Israel recuaram, é possível imaginarmos Deus tirando Gideão da fila dos covardes e dizendo: “Todos que estiverem com medo podem ir embora, menos *você*, Gideão”.

Como se as exigências de Deus já não fossem exorbitantes o bastante, Ele continuou dizendo que o exército estava grande demais. Uma proporção de 135 midianitas para cada 10 israelitas ainda era demais para Israel! Deus instruiu Gideão a levar seus homens até onde houvesse água e os mandasse beber. Os trezentos que permaneceram em pé e lamberam a água, levando a mão à boca, formaram o contingente final do exército de Deus. Os outros foram dispensados para casa, mas deixaram suas trombetas e provisões com a pequena milícia. A essa altura, Gideão devia estar com uma dor de cabeça infernal, uma úlcera que queimava e um caso grave de urticária. Por que Deus estava fazendo aquilo?

Conhecendo o coração de Gideão, Deus lhe concedeu mais um sinal. Naquela noite, Gideão e seu servo deveriam ir furtivamente ao acampamento dos midianitas e ouvir o que os soldados diziam. Quando chegaram ao acampamento, o espetáculo que presenciaram foi suficiente para Gideão renunciar à sua comissão imediatamente. O vale estava tão cheio de midianitas com seus camelos que eles pareciam como “a areia que há na praia do mar” (7:12). Todavia, em meio a esse espetáculo terrível, Gideão recebeu o seu sinal. Ele ouviu um soldado midianita contar um sonho ao seu colega. No sonho, um pão de cevada (o pão dos pobres em Israel) rodava contra o acampamento midianita, dando de encontro com a tenda do comandante e derrubando-a. Mais animadora do que o sonho foi a interpretação que o soldado midianita deu ao sonho: “Não é isto outra coisa, senão a espada de Gideão, filho de Joás, homem israelita. Nas mãos dele entregou Deus os midianitas e todo este arraial” (7:14).

A BATALHA

O sonho foi suficiente para Gideão. Ele voltou ao acampamento e, pela primeira vez em toda a história, disse algo positivo! “Levantai-vos,

porque o Senhor entregou o arraial dos midianitas nas vossas mãos” (7:15). Mais notável ainda foi o desafio que ele propôs: “...como fizer eu, assim fareis” (7:17). Munidos de trombetas, cântaros vazios e tochas escondidas, Gideão e os trezentos cercaram o acampamento midianita. De uma só vez, a noite tranqüila ganhou vida com a luz das trezentas tochas e o som aterrador de trezentas trombetas! Os israelitas gritaram fervorosos: “Espada pelo Senhor e por Gideão!” (7:20). Então, eles simplesmente ficaram firmes e deixaram Deus fazer o resto.

Os midianitas acordaram confusos e, em pânico, lançaram a espada um contra o outro. Os que sobreviveram partiram para o rio Jordão, procurando o caminho mais curto para casa. Gideão estava agora livre para chamar reforços de ajuda para as operações de varredura. Homens de Efraim interceptaram os midianitas que fugiam e capturaram Orebe e Zeebe, dois líderes midianitas. No final do dia, o relatório de baixas registrou algo parecido com: “Nenhum registro de baixas de israelitas; 120.000 midianitas mortos”.

Muitas lições são ensinadas na narrativa de Gideão, mas uma mensagem se destaca acima de todas. Algo que foi sussurrado na história de Débora e Baraque aparece de modo gritante no relato de Gideão: *“O livramento vem pela mão do Senhor!”* A vitória foi total, e foi totalmente pela mão de Deus. Mais tarde, vemos uma cena quase cômica em que os israelitas disseram a Gideão: “Domina sobre nós, tanto tu como teu filho e o filho de teu filho, porque nos livraste do poder dos midianitas” (8:22). Eles não perceberam que Deus havia puxado Gideão à força para a batalha, e não se lembraram de que Deus havia matado 120.000 soldados midianitas enquanto o exército de Gideão permanecia em pé segurando tochas e soprando trombetas!

Minha própria experiência com a lição de Gideão me leva de volta ao Quênia, na África Oriental, ano 1984. Minha esposa e eu, juntamente com nossas filhas, uma de dois anos e a outra de quatro meses de idade, éramos uma dentre as cinco famílias da equipe missionária. Éramos todos jovens, idealistas e prontos para abraçar o mundo! Entretanto, um mês depois de chegarmos ao campo, duas famílias tiveram de ir embora. Como resultado dessa experiência, escrevi o seguinte relatório de trabalho, datado de abril de 1984:

Aprendendo a Lição de Gideão

Disse o Senhor a Gideão: É demais o povo que está contigo, para eu entregar os midianitas nas suas mãos; Israel poderia se gloriar contra mim, dizendo: A minha própria mão me livrou.

“Minha própria mão me livrou.” Já pensei nessa frase muitas vezes e, vez ou outra, até já preguei com base nesse texto. Todavia, só nos últimos dois meses fui confrontado com o poder dessa passagem em minha própria vida.

O orgulho pode pôr a perder qualquer esforço, até mesmo na obra missionária. Desde o momento em que decidimos fazer parte da equipe missionária ao Meru, fiquei muito orgulhoso e confiante na nossa equipe. Em nível de educação, éramos todos bem preparados. Dentre os cinco homens da equipe, quatro tinham Mestrado em Teologia e um, em Aconselhamento. Dentre as esposas, duas eram professoras e três, enfermeiras. Todos haviam recebido um excelente treinamento em missões, e chegamos ao campo com o que havia de mais moderno e recente em métodos missionários. Por mais treinados que estivéssemos para resistir às tentações, um certo grau de orgulho infiltrou-se em nosso pensamento. A quantidade de obreiros na nossa equipe, o treinamento que recebêramos e os métodos que conhecíamos certamente resultariam numa tremenda colheita para o Senhor! Estávamos numa posição perfeita para reaprender a lição de Gideão.

O dois últimos meses foram meses de sofrimento para nós. Vimos nossa equipe sofrer alguns golpes traumáticos. Duas famílias tiveram de voltar para os Estados Unidos. Quase da noite para o dia nossa “resistente” equipe de cinco famílias tornou-se uma equipe de três famílias estarecidas. Para ser totalmente sincero, ficamos atordoados com o fato de sofrermos tamanho golpe. Mas, ao examinar o que restou entre os escombros do que um dia foi uma equipe confiante, penso que todos nós aprendemos a lição de Gideão.

Por favor, não me entendam mal. As duas famílias que agora trabalham com Ann e eu são colegas competentes e amigos queridos. Sentimo-nos tremendamente abençoados por estar trabalhando com eles. Mas agora, quando olhamos para o um milhão de habitantes da tribo Meru, nossa tarefa é muito mais amedrontadora. O treinamento que recebemos, o número que formamos e os métodos que sabemos não são páreo para esta situação. Agora, mais do que nunca, reconhecemos que para o povo Meru ser alcançado pelo evangelho, será necessária a atuação do poder de Deus. Se houver igrejas plantadas e amadurecidas, se uma crescente comunhão de cristãos amorosos se levantar em Meru, isto só terá sido pelo poder de Deus. Por favor, orem para que tenhamos verdadeiramente aprendido a lição de Gideão e que, um dia, quando houver centenas de igrejas centralizadas em Cristo e louvando a Deus, crescendo e amando em Meru, que possamos nos levantar e proclamar: “Só o poder de Deus pôde realizar isto!”

Um ano depois, nós também voltamos para os Estados Unidos, deixando apenas duas famílias na equipe. Atualmente, mais de dez anos depois, existem quarenta congregações entre os Meru, totalizando mais de 1.300 cristãos. Depois de aprendermos a lição de Gideão, hoje, só podemos dizer: “O poder de Deus realizou isto!”

CONCLUSÃO

Muitos anos depois, Paulo expressou os mesmos sentimentos em sua carta aos colossenses. Após seguir Jesus trinta anos e passar quase treze anos em viagens missionárias, o apóstolo escreveu da prisão, por volta de 64 d.C. Até aquele momento, ele havia sido açoitado repetidas vezes, encarcerado e difamado. Na introdução de sua carta, Paulo mostrou com que profundidade ele entendia a lição de Gideão:

Colossenses 1:28, 29
“[Cristo] o qual nós anunciamos, adver-

tindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo; para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim.”

Ele sabia — e queria que os colossenses soubessem — que todo bem que resultasse do seu trabalho havia sido realizado pelo poder de Deus.

Todo cristão e toda igreja são, por vezes, tentados a depositar a confiança no número de seus integrantes, na sua educação, no seu poder financeiro, no seu passado ou em seu bom juízo. Gideão permanece (com relutância) até hoje diante de nós para nos lembrar que é somente pela mão de Deus que realizamos qualquer que seja o sucesso atingido em Seu nome. Nossa missão é simplesmente pegar os nossos cântaros, as nossas tochas e as nossas trombetas e, fielmente, cumprirmos a ordem do Senhor. □

©Copyright 2004, 2006 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS